

Os falsos curandeiros

Não faz muito tempo, no interior do Brasil, se recorria a curandeiros para resolver problemas de saúde. Havia entre eles mesmo um certo grau de especialização. Uns eram craques para mordidas de cobras ou picadas de escorpião, outros eram mais eficazes para outros males. Apareciam, porém, falsos curandeiros, charlatões. Eles imitavam os ritos e provocavam nos pacientes reações semelhantes às que os verdadeiros eram forçados a recorrer. Por exemplo, o tratamento de uma picada de escorpião era sempre dolorosa. Um falso curandeiro provocava a dor, e se o veneno não fosse grande, mantinha seu negócio.

Depois de muito tempo no exterior, me disseram que os curandeiros haviam invadido as cidades e não acreditei. Era verdade, pois os falsos estão dirigindo nossa economia. Aplicam falsos remédios na esperança de que o paciente resista à doença e ao tratamento. Não sabendo o que fazer para curar o descalabro a que levaram nossa vida econômica e financeira, pretendem nos convencer, com dor, que seus remédios são eficazes.

Vejamos com simplicidade. Nossos governantes prometeram ao FMI que manteriam a inflação num nível de no máximo 80 por cento; que reduziriam o déficit do setor público para no máximo 7,9 por cento de nosso PIB; e que teríamos um saldo da balança comercial de no mínimo seis bilhões de dólares.

Fizeram a máxi, que elevou a previsão da inflação para 170 por cento; o déficit público cresceu assustadoramente; e só a meta da exportação parecia exequível depois dos primeiros meses do ano.

Veio o puxão de orelha do FMI, e em decorrência, o pacote econômico. Foi prometido que seria doloroso e o será. Vai implicar uma queda de 30 a 40 por cento no nível de renda de todos os assalariados. Não vai resolver nada.

A inflação vai crescer. Hoje já se espera que ela chegue até o fim do ano a 200 por cento. O corte dos subsídios, em si só, não resolve nada. Há uma imediata transferência de custos, não mais subsidiados, para os preços. A indexação faz o resto. A única maneira de se evitar esse processo seria a desindexação.

O setor público vai ter subsídios e investimentos cortados. É só esperar pelos resultados. Numa economia em que, nos últimos anos, o setor público é responsável pelo grosso dos investimentos, a cessação destes será catastrófica. O PIB cairá em valores absolutos e a economia e a sociedade serão abaladas.

Dizem então, os puristas da livre concorrência, que nossos empresários só não estão investindo porque, com as altas taxas de juros passou a ser "mais atraente" jogar no mercado financeiro que realizar investimentos produtivos. Como quase nada podemos fazer sobre as taxas de juros, pois elas são puxadas para cima pela política de Reagan, temos, para transformar os investimentos produtivos em mais lucrativos, de aplicar o único remédio possível: pressionar para baixo os salários.

Acontece, porém, que nossa massa salarial — a sua fatia mais ponderável — é da população de baixa renda. Baixa ainda mais a renda desta camada coloca-a em risco a sua capacidade de sobreviver, sua possibilidade de se perpetuar.

Alguns pretendem apenas uma desindexação caolha, parcial: a liquidação da semestralidade do reajuste salarial. Num mercado estagnado, mesmo se a desindexação fosse geral, pressionaria mais sobre os salários. Agravaria os problemas sociais, e porque não dizer, tornaria ainda mais injusta a nossa sociedade e isto sem nada resolver. Não há tanta riqueza assim a ser sugada das camadas de baixa renda.

As medidas de nossos tecnocratas não levarão à reordenação de nossa economia interna. A elas falta o elemento de coragem e de descomprometimento com os interesses dominantes em nossa sociedade. Não se pode pedir ao povo sacrificios em nome do patriotismo quando se executa uma política em nome de interesses particulares.

O curandeiro-charlatão, quando a doença é grave, se desmascara pelo seu fracasso, por não curar o doente. É o que vamos ver em breve.

Suponhamos, porém que, só para argumentar, que consigam com a dor curar nossos males internos. Nada estaria

resolvido.

Nossa dívida externa chegará em breve, se ainda não chegou, a 100 bilhões de dólares — cerca de um terço de nosso PIB. Os juros internacionais médios são de 17 por cento (veja-se a revista *Conjuntura Econômica* de maio). Nota-se que para nós são mais elevados pois constituímos um País de "alto risco". Nossa dívida a curto prazo, para ser liquidada ainda este ano é estimada em 14 ou 15, talvez 17 bilhões de dólares. Nossa saldo comercial decorre mais de uma compressão das importações que de uma expansão das exportações. Ela será, na melhor das hipóteses de 6 bilhões de dólares. Não será suficiente para pagarmos os juros de nossa dívida, pois é só o que estamos pagando. Ela aumentará.

Para sairmos desta situação, nossas autoridades contam com a reanimação das economias dos EUA, da Alemanha e do Japão. Esta reanimação repercutiria no mercado internacional e nos permitiria respirar. Aumentar as exportações. Os especialistas consideram, porém, que se reanimação houver, ela seria tímida e ná-dia resolveria.

Haveria outra hipótese: comprimir as importações. Isto já foi feito. Para impressionar o FMI, adiamos importações. Teremos de fazê-las amanhã. Grande parte das importações são essenciais para o funcionamento de nosso sistema produtivo. As importações de perfumarias e bebidas são mais resistentes que a de insumos. Só um sistema autoritário de comércio exterior poderia alterar este fato. E mesmo assim, sem resolver o problema, salvo se atingisse fortemente nosso sistema produtivo.

Nem mesmo se os falsos remédios curassem nossos males internos não estariam em condições de pagar 100 bilhões e seus juros. Nossos credores o sabem. Nem um verdadeiro curandeiro daria conta desta doença, quanto mais um falso. Tirar esta preocupação do primeiro plano, do centro das preocupações, é um imperativo patriótico. O importante não é extraír o sangue do doente para pagar os compromissos do curandeiro mas sim cuidar de sua sobrevivência em boa saúde. O resto virá depois. (R.L.C.)